

A Igualdade em Revista: Taís Araújo e Questões de Raça e Branquidade em *Claudia* e *TPM*¹

Gabrielle Vívian BITTELBRUN²
Universidade Regional de Blumenau (Furb), Blumenau, SC

RESUMO

A intensa repetição das personagens brancas nos meios de comunicação no país, à revelia da própria composição da população brasileira, vem sendo registrada em estudos como os de Joel Zito Araújo (1996) e Regina Dalcastagnè (2005). Mesmo revistas voltadas para o público feminino, que se assumem como porta-vozes das mulheres, não escapam da desigualdade em suas representações. Admitindo duas publicações referenciais no mercado editorial como *Claudia* e *TPM*, pretendemos aferir, então, sobre questões relacionadas à (falta de) representatividade das mulheres negras nas páginas. Tomando como base edições do século 21, a intenção é discutir ainda como as personalidades negras foram apresentadas, considerando também aspectos referentes aos estudos feministas e, especialmente, tendo em vista debates sobre raça, como construção social.

PALAVRAS-CHAVE: Revista; corpo; raça; branquidade; estudos feministas.

1. INTRODUÇÃO

Não é difícil constatar a intensa repetição dos corpos brancos nas páginas de revistas, em uma branquidade³ que se dá à revelia da composição da população brasileira, evidenciada em censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴. Considerando *Claudia*⁵ e *TPM*⁶ como duas publicações impressas

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (Furb), Doutora em Literatura e Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Jornalista pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Núcleo de Literatura Brasileira Atual - Literatual - Estudos Feministas e Pós-Coloniais de Narrativas da Contemporaneidade da UFSC. E-mail: gabrielle.bittelbrun@gmail.com.

³ Procuramos adotar o termo “branquidade” para nos referirmos à recorrência de corpos brancos em espaços de destaque e mesmo para nos referirmos à configuração social que privilegia os corpos brancos. Afinal, como explicou Daniela Novelli (2014, p. 22), remetendo ao trabalho de Judith Ezequiel, branquitude está calcado sobre o termo negritude, como “movimento literário e artístico que buscava valorizar os aspectos positivos da cultura ou da identidade negra”.

⁴ Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios do IBGE (2014) destacou que 53% dos brasileiros se autodeclararam negros, enquanto 45,5% se disseram brancos. Já amarelos e indígenas somariam 1,5%. Dez anos antes, em 2004, 51,2% dos brasileiros se diziam brancos, enquanto pretos e pardos, classificados no grupo de negros, totalizaram 47,9%.

⁵ Revista mensal publicada pela Editora Abril desde 1961, é líder no segmento, tratando de temáticas como comportamento, moda, bem-estar.

⁶ Lançada pela Trip Editora, a publicação surgiu nas bancas em 2001, com a proposta de ser diferenciada em relação às concorrentes. Em 2017, reduziu a periodicidade de suas versões impressas, embora mantenha um fluxo contínuo de conteúdos no portal na internet.

voltadas para mulheres e referenciais neste século 21, não podemos deixar de aferir questionamentos relacionados à “raça”, como construção histórica, social e local que influencia as relações sociais, como propõem autores como Lilia Schwarcz (2012).

Nestes esforços, é necessário admitir não apenas quando, mas também como as mulheres negras aparecem nas páginas. Segundo Maria Aparecida Bento (2014), a branquidade⁷, assim como a masculinidade, é hegemônica nos lugares de poder, configurando-se em uma dimensão ideológica. As duas se referem, então, a uma construção histórica e social, evidenciam uma visão de mundo, designam alguns como irmãos e outros como “estrangeiros, adversários ou inimigos” (BENTO, 2014, p. 18). Grada Kilomba explicou, em entrevista (FERREIRA, 2016) que, quando aparece, o corpo negro vai representar o que a sociedade branca não quer, ou seja, a criminalidade, o roubo, a prostituição, a violência, ou mesmo a sexualidade exacerbada. Como tudo o que não se deseja é depositado no “outro”, a sociedade branca constrói uma imagem limpa de si própria.

Ao mesmo tempo, a branquidade, como prática cultural, se fundamenta no silenciamento sobre si mesma, não existindo debate, por exemplo, sobre a repetição dos corpos brancos nos discursos relacionados a sucesso, enquanto, nesses espaços positivos, as pessoas negras permanecem invisibilizadas, como se não fossem agentes da sociedade. A branquidade se consolida, portanto, como condição humana, como uma identidade que marca outras (FERREIRA, 2016).

Desestabilizar esses mecanismos passa por observar como os sistemas de discriminação se consolidam nos mais variados discursos, inclusive nos discursos carregados de entretenimento que são voltados para as mulheres. Essa tarefa torna-se extremamente necessária à medida que, como sinalizou Simone Nogueira (2014, p. 59), a “naturalização” da superioridade branca terá impactos para a humanização dos dois grupos. Segundo ela,

os que se consideram brancos ou são considerados como tal, vivem uma condição ilusória de supervalorização de sua estética e modos de ser, o que gera uma incapacidade ou dificuldade de reconhecer outras possibilidades de ser e viver no mundo, tão humanas quanto as suas. Dessa maneira, não reconhecem a humanidade do Outro e não podem reconhecer a sua própria, em outras palavras, não reconhecendo que o Outro pode ser diferente e tão

⁷ Maria Aparecida Bento (2014) usa, na verdade, o termo “branquitude”. Porém, preferimos falar em branquidade, já que branquitude pressupõe uma oposição ao termo “negritude”, elaborado em referência a um movimento específico de valorização da identidade negra.

humano quanto a si mesmo, não são capazes de compreender e respeitar que ambos podem ter pertencimentos diferentes. (NOGUEIRA, 2014, p. 59)

Os processos jornalísticos não passam imunes aos ideais de extrema valorização de um padrão branco, a tal ponto que sistemas discriminatórios afetam todo um *modus operandi* jornalístico. Segundo expõe Muniz Sodré (2008), o racismo ostentado pelas elites tradicionais desde séculos atrás é reproduzido por meio de uma série de técnicas jornalísticas que o tornam mais sutil e eficaz, inibindo críticas às discriminações.

Para o autor, há um “racismo midiático”, manifestado por diversos fatores (SODRÉ, 2008, p. 23). Entre eles está a negação, em que a mídia tende a negar a existência do racismo, a não ser quando ele aparece como objeto noticioso, como em episódios de conflitos raciais; e o recalcamento, em que a importância das manifestações simbólicas de origem negra é reduzida, diminuindo as contribuições das pessoas negras na música ou na literatura. De acordo com Sodré (2008), há também a estigmatização, como marca da desqualificação ou diferença, ponto de partida de todo o tipo de discriminação; a indiferença profissional, quando a mídia se pauta nos ditames do comércio e da publicidade, dessensibilizando-se em relação aos debates raciais; e a pouca presença de pessoas negras nos espaços de visibilidade. Nesse sentido, então, há uma marginalização progressiva dos negros e negras no país, sob diversas frentes.

As revistas femininas não lidam diretamente com notícias do cotidiano, com os conhecidos relatos de episódios de infração à lei que tendem a depreciar muito mais as pessoas negras e pobres. Porém, edições recentes de *Claudia* e *TPM* podem explicitar algumas problemáticas relacionadas às abordagens de raça e racismo no país tanto pela recorrência dos corpos brancos⁸ como, especialmente, por meio de matérias com personalidades negras – em especial, a atriz Taís Araújo – em destaque, o que merece uma observação mais atenta.

2. A TEMÁTICA RACIAL E TAÍS ARAÚJO EM CLAUDIA

No exemplar de setembro de 2009 do veículo da Editora Abril, dedicado ao combate ao racismo, a chamada indicou que *Claudia* se juntava à Taís Araújo para “defender a causa” de combate ao racismo, em uma autoafirmação da revista como

⁸ Trabalho anterior debateu aspectos relacionados à frequência de corpos brancos nas revistas (BITTELBRUN, 2016).

igualitária. Contudo, o único aspecto que parece denunciar que se trata de uma edição especial sobre a temática racial, além das chamadas da primeira página, é a cor negra da pele da atriz. O mesmo padrão de figurino, maquiagem e produção, tão conhecido dessa revista, foi mantido também naquela edição que seria um “manifesto anti-racista”.

De todo modo, a edição especial de *Claudia* elege a visão de celebridades e pessoas famosas para tratar da temática racial. Na matéria de capa, Taís Araújo é eleita a “Musa da igualdade” (GUDIN, 2009, p. 48-52). A atriz foi a primeira mulher negra a protagonizar uma novela das nove da maior emissora do país. Se as cores alegres do figurino, em poses que simulam passos de dança, parecem esvaziar e quase contradizer a seriedade do tema, o mesmo pode ser dito dos largos sorrisos da atriz. O tom de felicidade, aliado à própria nomenclatura de “musa da igualdade” sugerem um processo de igualdade iminente, se não vigente.

Figuras 1 e 2: Capa de 2009 e matéria “Musa da igualdade”, de *Claudia*.



Fonte: CLAUDIA, set., 2009, capa; p. 48.

À época, a atriz já tinha um respeitado currículo na televisão, de modo que “a atuação de Taís começou a derrubar barreiras raciais em 1996, quando, aos 17 anos, protagonizou ‘Xica da Silva’, na extinta TV Manchete” (GUDIN, 2009, p. 50). Taís fala de suas inspirações, como Nelson Mandela. Expõe-se que a atriz sempre cursou escolas boas e caras porque os pais “elegeram como investimento principal a educação dela e da irmã”. Mas foi nesse ambiente que enfrentou um episódio de racismo, quando perguntaram se era a patroa de sua mãe quem pagava a mensalidade escolar. Além disso, nessas escolas só havia pessoas brancas e Taís “treinou cedo suas respostas ao preconceito” (GUDIN, 2009, p. 50).

A matéria segue pontuando que “não é raro ouvir que Taís deu certo – entre tantas outras atrizes negras que tentaram e não atingiram sucesso – porque é uma mulher de sorte. Ela prefere dizer que contou com a mão do destino, a quem ajudou com determinação ferrenha”. Assim, a atriz diz que “se não tivesse trabalhado duro, as coisas não teriam acontecido”, o que o marido, o ator Lázaro Ramos, também negro,

corroborar, afirmando que ela “é batalhadora” e “faz por merecer” (GUDIN, 2009, p. 50). O diretor de novelas Jayme Monjardim lembra que, durante as gravações da novela à época, “Viver a vida”, a atriz “disciplinada acordava as 4 da manhã” (GUDIN, 2009, p. 52). Tanto profissionalismo, segundo a revista, impressionou o diretor e os colegas.

Vale acrescentar ainda o tom jocoso com que se trata das questões de peso. Naquela ocasião, por interpretar uma modelo, Taís precisou passar por uma dieta e contou que tinha que se cuidar porque, na família, tem tias e primas com mais de 100 quilos. De acordo com a matéria, nas reuniões familiares, “uma das tias mais fortinhas (140 quilos) está sempre alertando as sobrinhas” de como era magra na juventude, a que se segue a imitação de Taís sobre a fala da tal “tia roliça” (GUDIN, 2009, p. 52). Notamos, então, um tom de reprovação relacionado às pessoas gordas e a necessidade de controle da ingestão de alimentos, sendo que a matéria com Taís finaliza justamente contando que, no estúdio onde foram tiradas as fotos, ela “devorou” um pedaço de bolo de laranja; “ninguém é de ferro” (GUDIN, 2009, p. 52). Como vemos, categorizações relacionadas a muitas frentes, de gênero e raça, se articulam em um só texto, em máximas que vão se reproduzir em outros momentos na revista, na produção dos estilos de vida e de corpos que os veículos elencam como referenciais.

Por análises anteriores (BITTELBRUN, 2016), sabemos que *Claudia* tende a, além de ressaltar o que comem ou não comem suas entrevistadas, destacar a persistência das personalidades de destaque. No entanto, neste caso, essa insistência, aliada à seleção de falas que atestam a determinação e às colocações como “treinou cedo suas respostas ao preconceito” e “a atuação de Taís começou a derrubar barreiras raciais”, a que se somaria a menção dos pais elegerem a educação como “investimento principal”, sugerem uma ideia de meritocracia, como se apenas com esforço e muito estudo fosse possível superar os preconceitos raciais. E como se o fato de Taís Araújo ainda figurar entre as exceções em espaços de protagonismo em novelas se devesse somente porque outras mulheres negras não foram tão batalhadoras.

Em sua pesquisa sobre a mulher negra na teledramaturgia, Danubia Andrade (2009, p. 138) afirma que se “confere ao sujeito a responsabilidade e a autonomia na construção de suas representações e papéis sociais, garantindo a reconfortante sensação de que essas escolhas se dão livres de quaisquer mecanismos de pressão social”. Considerando as pesadas desigualdades que recaem sobre as pessoas negras, passando pelo tratamento que recebem nas escolas, no setor de saúde, pelas polícias – o que tem

sido enunciado em obras como de Muniz Sodré (2008), entre muitos outros –, e mesmo pela raridade com que aparecem em posições de destaque positivo na literatura (Dalcastagnè, 2005) e na mídia de um modo geral, é possível considerar como essa supervalorização do esforço de Taís Araújo, na verdade, remete a uma falácia. Ainda mais porque, como Kabengele Munanga (1996) observou, mesmo quando atingem boas colocações profissionais, as pessoas negras ganham salários inferiores⁹.

O fato de estar fora das telas é algo que vai muito além do nível de determinação que alguma mulher negra possa ter, referindo-se bem mais à hegemonia da branquidade, ao passado histórico e aos preconceitos que, de um jeito ou de outro, contribuem para uma posição desprivilegiada dos brasileiros negros.

Tendo isso em vista, sabemos que raça é inevitavelmente vivida e experimentada pelo corpo e, se discriminações levam em conta os traços corporais, também os mecanismos de aceitação social consideram aspectos que remetem à branquidade. Portanto, nos questionamos se, afinal, as características físicas de Taís, que tem nariz e lábios mais finos, não teriam contribuído em alguma medida para que tivesse espaço na mídia e fosse uma das poucas mulheres negras lembradas com frequência por *Claudia*.

Enfim, a matéria em questão seria complementada por um breve quadro, com informações de como a atriz faz para cuidar do cabelo. De acordo com esse quadro, Taís Araújo prefere os cabelos “cacheados”, pois são “o seu melhor retrato” (GUDIN, 2009, p. 52). Na verdade, a própria denominação de “cacheados” parece ser um subterfúgio para evitar o uso de termos como crespo ou afro que, como expõem Nilma Gomes (2008) são um grande aspecto identitário das mulheres negras. Ora, no país que discrimina as pessoas negras em tantas esferas, parece fazer sentido elencar como uma das poucas mulheres negras da televisão, e da revista, uma mulher negra de nariz mais fino e cabelos “cacheados”. Ao mesmo tempo, a presença de Taís no magazine, como mulher negra, poderia conferir uma certa tônica de representatividade, transmitindo a ideia, a princípio, de que todas as mulheres teriam espaço garantido nas páginas, de maneira igualitária.

Ao debaterem os lugares da mulher negra na publicidade brasileira, Rafael Winch e Giane Escobar (2012) destacam justamente que quanto mais traços brancos a

⁹ Lia Schucman (2014, p. 121) complementa que o Relatório Anual das Desigualdades Raciais, de 2007 e 2008, apontou que brasileiros brancos vivem em uma versão de Brasil com Índice de Desenvolvimento Humano equivalente à 44ª melhor posição no mundo, enquanto brasileiros negros em outra versão, onde o IDH é equivalente à 104ª posição.

modelo, atriz ou atleta possuir, mais chances terá de ser convidada para estrelar uma campanha publicitária relacionada a estética e beleza. Isso sem falar ainda dos anúncios que constantemente colocam a mulher de pele escura em segundo plano, omitem sua existência ou apresentam-na em posições estereotipadas, como debatem os autores.

De qualquer maneira, sob a marca de “*Claudia* defende essa causa” e o título “Pelo fim do racismo!” (GUDIN, 2009, p. 56-64), aquela edição da revista propõe um manifesto, com personalidades negras fazendo breves colocações sobre discriminação, pois era “urgente” colocar fim “a esse sentimento selvagem que impede o avanço do país e da humanidade” (GUDIN, 2009, p. 56). Ao elencar pessoas negras famosas, de vários setores, prevalece a ideia da meritocracia, como se oportunidades fossem concedidas para pessoas brancas e negras de maneira igualitária e como se aqueles que fossem esforçados, obrigatoriamente, conquistariam sucesso.

Na verdade, um exercício de equivalência poderia dar a dimensão do desequilíbrio quanto a oportunidades e representatividade na atualidade. Uma lista com depoimentos de celebridades brancas, como essa proposta por *Claudia*, seria simplesmente inconcebível, considerando a avalanche de personalidades de pele clara. Por esses direcionamentos, é possível perceber como uma fatia da população que, no Brasil, é maioria em número, ainda é configurada como minoria no que se refere a possibilidades de ação nos espaços sociais.

Aquela edição sinalizou, no entanto, que o racismo é um obstáculo e que “os descendentes dos escravos não são livres social e economicamente” (GUDIN, 2009, p. 56), trazendo 24 depoimentos de um parágrafo, em média, de brasileiros e estrangeiros, conhecidos pelo grande público. Destes, 14 aparecem também em fotos. Entre os maiores depoimentos, estão o do então presidente norte-americano Barack Obama que, em trecho reproduzido de sua autobiografia¹⁰, destaca “pequenos insultos” recebidos ao longo de seus então 45 anos: “seguranças me segurando quando entro em lojas de departamento, casais brancos que me jogam a chave de seus carros quando estou esperando pelo *valet*, carros de polícia que me param por nenhuma razão aparente... [...]” (GUDIN, 2009, p. 56). Já o ator Lázaro Ramos expôs: “Sobre racismo, eu prefiro me calar. Às vezes, não falar é levantar uma bandeira” (GUDIN, 2009, p. 58).

Há também o depoimento de Sueli Carneiro, pesquisadora e ativista do Geledés, Instituto da Mulher Negra, que explica que “à medida que se abrem as possibilidades

¹⁰ OBAMA, Barack. *A audácia da esperança*. São Paulo: Editora Larousse, 2007.

para mulheres, são as brancas as privilegiadas” (GUDIN, 2009, p. 56), e ainda trecho recuperado de discurso de Martin Luther King, falando de seu repúdio de “os negros ainda definharem à beira da sociedade americana” (GUDIN, 2009, p. 58), entre outros depoimentos.

Portanto, a revista é capaz de oferecer uma certa introdução à temática, complementada pelo quadro “De onde vem?” (NEGRÃO, 2009, p. 60), explicando, de forma breve, as origens do racismo, dos tratados científicos que propunham a diferenciação de raças no século 18 até a lei brasileira de 1989 que tornou o racismo crime inafiançável e sujeito à prisão. Para o quadro, são entrevistados diversos especialistas, a exemplo de Kabengele Munanga.

Porém, a menção ao fim do racismo, no total, incluindo a matéria com Taís Araújo, fica restrita a 13 páginas seguidas¹¹ das 226 páginas totais do exemplar em questão. Depois disso, a revista segue com os assuntos abordados em todas as edições, como editoriais de moda, sugestões de maquiagem, de viagem, dicas de como cuidar dos filhos, de bichos de estimação, etc. A força da proposta é enfraquecida também quando olhamos para o restante da revista que, após o especial, volta a destacar apenas mulheres brancas, inclusive no ensaio fotográfico de moda – naquele exemplar, não foi encontrada uma outra mulher negra fora do mencionado especial. Depois desse exemplar de 2009, Camila Pitanga esteve na capa em abril de 2010, sendo seguida por um hiato de mulheres negras na primeira página, interrompido por Taís Araújo somente no exemplar de agosto de 2012 de *Claudia*.

Como aferiu Grada Kilomba, em entrevista (FERREIRA, 2016, p. 14), ouvir remete também a um ato de autorização para quem fala, já que o ato de falar pressupõe que alguém está ouvindo. Gayatri Spivak (2010) debateu anteriormente, na década de 1980, sobre os subalternos que, permanentemente silenciados, são excluídos de mercados ou de representação política e legal, ficando de fora de qualquer possibilidade de pertencerem aos estratos dominantes. Portanto, problematizar a representatividade das mulheres negras em revista pode contribuir para que percam esse caráter de subalternidade e para que, de fato, sejam compreendidas como pertencentes à categoria de mulheres, enfim, para que também tenham espaço – garantido, não esporádico – para se fazerem representar com frequência.

¹¹ Nessa contagem, foram excluídas as páginas de anúncio entre as matérias.

3. A TEMÁTICA RACIAL E TAÍS ARAÚJO EM *TPM*

Poucos meses antes de estampar novamente a capa de *Claudia*, Taís foi protagonista de *TPM* e personagem da matéria “Muito mais Taís” (LEÃO, 2011, p. 44-51). Em uma das imagens que integraram a matéria, a atriz esconde os olhos com os cabelos, que aparecem mais volumosos, puxados para frente. Em outra imagem, ela os puxa para trás, expondo mais o rosto. A sequência transmite a ideia de que ela está se expondo, evidenciando como é, ou ainda, “mostrando a cara”, em um trocadilho com a linguagem popular. Vale acrescentar que os cabelos crespos, que parecem bem mais naturais do que os cachos típicos de *baby liss* de *Claudia*, são um grande foco das imagens desde a capa, aparecendo volumosos também nas fotos que integram a matéria, em que ela aparece com um sorriso, em tom de brincadeira apontando o dedo para o espectador, e em outra, em que posa séria.

Figuras 3 e 4: Capa de 2011 e matéria “Muito mais Taís”, de *TPM*.



Fonte: TPM, dez., 2011, capa; p. 44-45.

De todo modo, *TPM* enuncia, na apresentação, que Taís está “mais velha, com alguns quilos a mais e bem mais ocupada” e se, para muitas mulheres isso “poderia ser a visão do inferno”, no caso dela, era “sinônimo de crescimento e transformação” (LEÃO, 2011, p. 44). Portanto, há aproximações com *Claudia* no que se refere à delimitação da celebridade como referência também de realização pessoal, ao mesmo tempo em que se fala dessa aparente permissão de Taís consigo mesma sobre seu aumento de peso – e, coincidentemente ou não, nesta edição de *TPM*, todas as imagens com a atriz são em plano fechado, mostrando muito pouco de seu corpo, coberto também por uma jaqueta *jeans* quase fechada na maioria das fotos.

No quesito vida pessoal, então, a atriz diz não querer fazer dieta, apesar de estar com cinco quilos a mais do que costumava ter. Emocionalmente, se considerava mais amadurecida e “verdadeira” (LEÃO, 2011, p. 46). *TPM* igualmente destaca que Taís foi a “primeira protagonista negra do horário nobre da TV brasileira” e, desde adolescente,

“decidiu não ser escrava do secador e assumir o cabelo crespo” (LEÃO, 2011, p. 46) – observamos, aqui, a denominação do cabelo como, de fato, crespo e não “cacheado”, como notamos na matéria da revista da Abril. Casada com “outro batalhador”, Lázaro Ramos, em referência similar à de *Claudia*, destacando o fator determinação, na ocasião, era a primeira vez que ela “sairia do casulo” após o nascimento do primeiro filho, em junho daquele ano (LEÃO, 2011, p. 46).

A matéria expõe o gosto de Taís Araújo por sala de aula e como, mesmo nesses ambientes, enfrentou discriminações claras, como um colega supondo que era filha de uma empregada – episódio também relatado em *Claudia* –, e mais veladas, como o fato de ninguém querer namorá-la, na escola carioca onde era a única negra. Por isso, “sem melindrar, resolveu ser de fato gente fina e amiga de todo mundo” (LEÃO, 2011, p. 48).

Detalha-se seu percurso profissional, passando da carreira de modelo fotográfica para a atuação em “Xica da Silva”, da emissora Manchete, em 1996. Taís Araújo conta como foi intensamente erotizada à época da novela, inclusive em campanhas em jornais, que faziam uma contagem regressiva para seu aniversário de 18 anos. À época, segundo *TPM*, o diretor Walter Avancini se defendeu, afirmando, para a *Folha de S. Paulo*, depois da atriz se negar a gravar uma cena de sexo anal: “Seria ingênuo pensar que uma mulher negra, no garimpo, atraísse o homem mais rico do momento sem passar pela cama” (LEÃO, 2011, p. 48). De acordo com a matéria, Taís Araújo sofreu ainda outras críticas ferrenhas do diretor mas, no ano seguinte, foi para a Globo. Nesta emissora, passou por diversas novelas, além de atuar no cinema.

Não é difícil perceber como a trajetória de Taís foi marcada por preconceitos, o que notamos até pelos seus papéis nas novelas, indo da escrava à vendedora Preta, protagonista de “A cor do pecado” – reiterando a associação entre mulheres negras e pecado –, passando pela personagem de empregada doméstica, que assumiria à época da entrevista. Embora sejam papéis de protagonismo, só essas personagens concedidas às atrizes negras já mereceriam debates à parte. Segundo pontua Danubia de Andrade (2009, p. 147), muitas telenovelas, com a justificativa de “reproduzir” a realidade, confinam as mulheres negras nos papéis de empregadas domésticas, vinculando identidade feminina negra à invisibilidade das escravas da casa-grande. Na verdade, como havia destacado Joel Zito Araújo (1996, p. 247), especialmente no universo da televisão, os negros veem negada sua história, seus desejos, seus sentimentos, aparecendo somente “na perspectiva que os mitos brancos têm de sua realidade e das

suas experiências e nas percepções e imperativos econômicos dos produtores e patrocinadores brancos”.

Precisamos acrescentar, porém, que a matéria de *TPM* tem como grande mérito evidenciar relatos diferenciados de Taís Araújo, destacando os aspectos de sua vida e de sua trajetória, como mulher negra. Nesse sentido, notamos como mesmo tendo como foco a mesma personagem de *Claudia TPM* marca mais claramente as posições de sujeito ocupadas por Taís Araújo. Além disso, é necessário destacar como a própria produção dela, que aparece com as madeixas mais naturais, se distancia daquela de *Claudia*, em que a atriz parece ser produzida mais de acordo com os ideais de branquidade por meio de cachos modelados por *baby liss*. O estilo do figurino também é bem distinto e, se em *Claudia* o vestido de gala a delimita em uma posição de celebridade, em *TPM*, Taís Araújo aparece mais ao estilo de mulher das ruas, o que seria comum nas produções de revista da Editora Trip.

Assim como fez *Claudia*, *TPM* chegou a trazer uma edição propondo o debate sobre o racismo, em edição de abril de 2014. Na ocasião, a atriz Juliana Alves aparece toda de preto, com expressão séria, acompanhada pela frase “ser negra no Brasil é (muito) f*da”¹² – em um claro distanciamento em relação à capa de Taís Araújo com o vestido volumoso rosa. *TPM* enuncia, desde a primeira página, que iria trazer 50 mulheres, discutindo o que é “enfrentar o racismo e o machismo ao mesmo tempo” (TPM, abr., 2014).

Abrindo o especial, “Ser negra no Brasil é (muito) foda” (TPM, abr., 2014, p. 38-69), que abarcou uma série de matérias, estava a foto da sobrinha da atriz Juliana Alves, Lara, de 9 anos, com a explicação: “[queremos que] Lara possa ser o que quiser na vida, sem tanto sofrimento” (TPM, abr., 2014, p. 39). Em imagem em preto e branco, Lara aparece séria, encarando o público, sem maquiagem, com os cabelos afro soltos, aparentemente sem alisamentos ou penteados. Em seguida, veio o depoimento de Juliana de uma página, em primeira pessoa, sob o título “Vontade de mudar” (TPM, abr., 2014, p. 40-41), acompanhado de imagem similar à capa, em que ela aparece séria, em plano aberto, encarando a câmera. No texto, Juliana conta episódios de racismo sofridos por ela e pelas sobrinhas pequenas e como vê o próprio trabalho de atriz como

¹²A revista traz duas capas diferentes nesta edição: uma focada no rosto da atriz Juliana Alves e outra que mostra o corpo inteiro da personalidade. As duas capas mantêm o caráter de seriedade da abordagem, a começar pela postura da celebridade, que não sorri. No mesmo mês, a versão masculina do magazine, *Trip*, trouxe o lutador Anderson Silva na primeira página, acompanhado pela frase: “ser negro no Brasil é f*da”. Na edição masculina, 70 pessoas, na maioria homens, deram seus depoimentos sobre como o país é racista.

um ato político, destacando a importância da visibilidade. O tom aprofundado da discussão se estende a uma série de confissões e impressões em matérias seguintes, de pessoas comuns e personalidades. Chama atenção o fato de, neste exemplar, os espaços serem concedidos prioritariamente para os relatos, reduzindo as intervenções das jornalistas da revista, que tendem a se restringir mais a um trabalho de edição. Esse tipo de construção acaba endossando o caráter impactante das exposições.

Os depoimentos foram de Sueli Carneiro, a mencionada pesquisadora, ativista e uma das fundadoras do Geledés – Instituto da Mulher Negra, em “Consciência política” (TPM, abr., 2014, p. 59), à mãe do rapper Emicida, Jacira Roque de Oliveira que contou, em “Mamãe coragem” (TPM, abr., 2014, p. 48), que um dos maiores traumas que teve na vida foi na escola, onde “ensinaram que, por ser negra, ela era pior que os outros”. A temática racial foi abordada, de maneira seguida, da página 38 à 69¹³, de um total de 98 desse exemplar. Mas os holofotes para as personalidades negras perpassaram toda a edição, das dicas de beleza às sugestões de moda.

Por esses casos destacados, é inegável que *TPM* possibilitou abordagens diferenciadas sobre a temática racial, em direcionamentos que não costumam aparecer nesse tipo de plataforma. Mas é preciso pontuar que é a frequência das pessoas negras como protagonistas, personagens de matérias, ocupando espaços de destaque, não apenas sobre racismo, mas sobre diversos assuntos e sob o ponto de vista de suas variadas experiências, que pode garantir representatividade em termos mais igualitários. Afinal, o preconceito que sofrem não pode ser a única via de abordagem, como um caminho de legitimação para a sua exposição esporádica.

É importante que diversas mulheres negras apareçam e sob várias perspectivas e enfoques, para não se confiná-las em um lugar de subalternidade e invisibilização. Afinal, mulheres brancas estão em editoriais de moda, em matérias sobre como cuidar dos filhos, do corpo, etc. Faz todo o sentido, então, que as mulheres negras, e outras mulheres, além de Taís Araújo, também sejam destacadas sob um múltiplo *hall* de abordagens nesses espaços que são, afinal, espaços de privilégio.

4. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

¹³ Não há anúncios entre essas páginas.

Luiz Augusto Campos e João Feres Júnior (2015), tratando da representatividade de negros em novelas da Rede Globo, perceberam, em dados momentos, esforços intencionais da emissora em produzir peças televisivas mais diversas, mas que acabavam se restringindo apenas a momentos específicos e pontuais, e é isso o que não pode ocorrer, considerando também o universo de revistas. Além disso, a posição ocupada pelo sujeito, seja racial, de classe, de gênero, não pode associá-lo à vitimização, sob pena de se cair justamente na postura ideológica imperialista que se critica e na qual o homem, branco, heterossexual, tem lugar privilegiado e é apontado como único detentor de poder.

Para Sandra Almeida (2013, on-line),

a subalternidade, como operador crítico, não pode nem resvalar para um discurso vitimizante, nem se tornar uma figura fetichizada e exotizada para um suposto consumo, posto que não há qualquer valor em se congelar o sujeito subalterno nesse espaço excludente e destituído de possibilidade de poder e agenciamento ou entregar nas mãos de outrem [...] o destino a ele reservado.

Assim, é a garantia de espaços para as pessoas negras e, especialmente, para as mulheres negras como protagonistas, e de forma constante, que pode contribuir para que não caiam em uma vitimização ou subalternidade.

Isildinha Baptista Nogueira (1998) afirmou que, em função do passado histórico, o corpo negro foi desumanizado, o que se fundamentou como um obstáculo para a construção da individualidade social das pessoas negras. Por essa lógica, o corpo negro tornou-se a marca que exclui de atributos morais e intelectuais associados às pessoas brancas. Nesse sentido, como explica a autora, as pessoas negras integraram a exterioridade social, havendo um bloqueio na possibilidade de identificação com os outros, brancos, que seriam indivíduos sociais plenos.

Podemos admitir que essa lógica de desumanização por vezes se reatualiza nos discursos de revistas do século 21, especialmente por meio da evocação a estereótipos e da invisibilização das pessoas negras, mesmo nos canais de comunicação que se propõem como mais modernos, mais libertários, mesmo nas plataformas de grande alcance voltadas à entretenimento e bem-estar. Se esses mecanismos vêm sendo sistematicamente repetidos, também deve ser contínua uma postura crítica frente ao que é proposto. E, se houve um processo de desumanização, que custa a se dissipar, pode igualmente haver um processo inverso, visando à garantia de lugares de visibilidade e

de privilégio também para as pessoas negras. Admitimos que a apresentação de personagens negras e a preocupação com representatividade nos espaços midiáticos podem, afinal, contribuir nesse sentido.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina G. Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, maio/ ago. 2013.

ANDRADE, Danubia de. A mulher negra na telenovela brasileira: entre a invisibilidade e a resistência. In: LAHNI, Cláudia; DELGADO, Ignacio; ROCHA, Enilce; MENEGAT, Elizete; _____. (Orgs). **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Editora UFRJ, 2009. p. 137-152.

ARAÚJO, Joel Zito. Estratégias e políticas de combate à discriminação racial na mídia. In: MUNANGA, Kabengele (Orgs). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996. p. 243-252.

BENTO, Maria Aparecida da S. Notas sobre a expressão da branquitude nas instituições. In: _____.; SILVEIRA, Marly de J.; NOGUEIRA, Simone G. (Orgs). **Identidade, branquitude e negritude**. Contribuições para a Psicologia Social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. p. 11-33.

BITTELBRUN, Gabrielle Vivian. A negra que não está na capa de revista: debates sobre raça e gênero. *Revista Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 21, p. 170-187.

CAMPOS, Luiz Augusto; FERES JÚNIOR, João. Televisão em cores? Raça e sexo nas telenovelas “globais” (1984-2014). **Textos para discussão GEMAA**, Rio de Janeiro, n. 10, 2015, p. 1-23.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, pp. 13-71, 2005.

FERREIRA, Helder. Grada Kilomba. **Revista Cult**, n. 211, p. 12-15, abr. 2016.

GOMES, Nilma L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

GUDIN, Vera. Musa da igualdade. **CLAUDIA**. São Paulo: Editora Abril, n. 9, ano 48, p. 48-52, set. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios** (síntese de indicadores de 2014). Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411102015241013178959.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

LEÃO, Renata. Muito mais Taís. **TPM**. São Paulo: Trip, n. 116, p. 44-51, dez./ jan. 2012.

MUNANGA, Kabengele. O anti-racismo no Brasil. In: MUNANGA, K. (Orgs). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996. p. 79-94.

NOVELLI, Daniela. **A branquidade em Vogue** (Paris e Brasil). 2014. 345p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

NOGUEIRA, Simone G. Políticas de identidade, branquitude e pertencimento étnico-racial. In: BENTO, Maria Aparecida da S.; SILVEIRA, Marly de J.; NOGUEIRA, Simone G. (Orgs). **Identidade, branquitude e negritude**. Contribuições para a Psicologia Social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. p. 49-63.

NOVELLI, Daniela. **A branquidade em Vogue** (Paris e Brasil). 2014. 345p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SCHWARCZ, Lilia M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SODRÉ, Muniz. Sobre imprensa negra. **Revista Lumina**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 23-32, jul./dez. 2008.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TPM. São Paulo: Editora Trip, n. 141, abr. 2014.

WINCH, Rafael R.; ESCOBAR, Giane V. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 227-245, jul./dez. 2012.